

Artífice do consenso

por Gildo Marçal Brandão
de São Paulo

O presidente Tancredo Neves sacrificou-se pela transição. Para além da discussão sobre as causas imediatas de sua morte, o que se pode perceber é que o seu senso de realismo político foi levado ao limite quando, temendo pela fragilidade das instituições, preferiu evitar a operação até que a posse estivesse realizada. Se tinha ou não razão em seus temores — na eventualidade, Figueiredo teria dado posse a Sarney? Os setores descontentes com a alternância do poder teriam condições de tentar uma reversão do quadro? — é algo que só o futuro e a recomposição detalhada dos fatos que antecederam o dia 15 de março poderão decidir. O certo é que três dias antes, ao revelar seu estado de saúde a um de seus colaboradores, o presidente eleito afirmava preferir correr o risco pessoal — do qual estava consciente, embora não a ponto de incluir a hipótese da morte — a abrir qualquer brecha à possibilidade de reversão. Evitar a operação cirúrgica antes da posse impunha-se, para Tancredo, por "razões de Estado".

Não é fácil traçar o perfil desse político no momento em que a sua luta contra a morte e suas circunstâncias promovem uma verdadeira e justificada deificação de sua ação e personalidade. Artífice da transição e do consenso, Tancredo Neves deverá ser apontado depois de Getúlio Vargas — e talvez até mais do que

Getúlio Vargas — como o político brasileiro mais importante do século XX. Mas ao contrário de Getúlio — a expressão mais acabada da oligarquia agrária que brilhantemente e prussianamente comandou a nossa industrialização — Tancredo Neves foi, não tanto por sua origem, mas por formação, prática, estilo, idéias, influência, modo de fazer política, o político urbano, laico, racional, anticarismático, moderno por excelência.

Nem sempre a unanimidade nacional cercou a figura desse mineiro que percorreu todos os estágios da carreira política brasileira, da vereança em sua cidade natal, São João del Rey, até o mais alto posto da República como artífice de um processo que liquidou um dos regimes mais autocráticos da história brasileira. Já houve tempo em que esse liberal aberto às questões sociais, esse parlamentarista que construiu sua trajetória em aliança com o melhor do getulismo, foi muitas vezes contestado e polêmico, tido como excessivamente moderado e demasiado tendente ao compromisso.

Mas a política brasileira aprendeu a ver a singular firmeza que pautava a política de conciliação nas mãos desse homem. Pelo menos em dois momentos decisivos, seu comportamento lhe daria o direito de figurar no primeiro plano da história brasileira. A primeira delas é na resistência à articulação golpista que iria levar ao suicídio o presidente Getúlio Vargas. Tancredo era então ministro da Justiça do ex-

ditador, seu mais recente e jovem colaborador, mas não hesitou em propor a prisão dos ministros militares e a resistência — armada se preciso — em defesa da legalidade e do mandato presidencial. Em outra ocasião, quando o velho PSD aderiu ao movimento que iria resultar na derrubada de João Goulart, Tancredo foi não apenas o único político de peso desse partido, que ficou desde o início contra a conspiração, mas aquele que avisou Juscelino Kubitschek da armadilha em que ele se estava metendo ao apoiar Castelo Branco na ilusão de que este devolveria o País às eleições presidenciais em 1965.

Ensaíada no governo parlamentarista de 1961, a política de conciliação nacional que Tancredo perseguiu incansavelmente durante toda a sua vida foi afinal realizada com a construção da Aliança Democrática, que permitiu a mais profunda ruptura institucional que o País conheceu desde a Revolução de 30 sem golpe de Estado.

Liberal e moderno, Tancredo não foi nem um mágico nem um demiurgo, mas o artífice do compromisso histórico que está conduzindo este País a uma democracia. Desta vez uma democracia de participação ampliada, vale dizer, uma democracia que não se esgotará no jogo das elites e introduz classes, grupos sociais, novos sujeitos políticos como titulares de pleno direito da cidadania e de soberania. A Aliança Democrática deverá sobreviver sem Tancredo, até mesmo porque foi construída por ele.